
Expressões da Fé: uma análise semiótica dos efeitos de sentidos e valores presentes nos comentários de transmissões religiosas no *Facebook*¹

Gilliard Zuque da FONSECA²

Maria Nazareth Bis PIROLA³

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

RESUMO

Objetiva identificar os sentidos e valores colocados em circulação nos comentários postados durante as transmissões de missas feitas pela Igreja Católica através do *Facebook*. Constitui fases de pesquisa exploratória e descritiva, e toma como corpus 23 (vinte e três) mensagens postadas durante a transmissão de uma celebração que acontece todo domingo, na igreja matriz da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em Vila Velha (ES). Dialoga com autores que discutem os conceitos de território e territorialidades, lançando o olhar para a presença do público/fiéis nas redes sociais e na compreensão da Igreja Católica nesta nova ambiência. Utiliza, ainda, como referencial teórico e metodológico para análise dos *posts*, a semiótica discursiva, em especial, o método do percurso gerativo de sentido.

PALAVRAS-CHAVE: Religião; *Facebook*; Semiótica discursiva.

A Igreja Católica nas redes sociais

Não é de hoje, embora tardiamente se comparada a outras religiões, que a Igreja Católica percebeu a importância de utilizar todo o potencial dos meios de comunicação para a propagação da Fé. Se nas últimas décadas do século passado o esforço foi para se manter presente nos meios tradicionais como o rádio e a TV, com a virada do milênio, a tentativa agora é ser vista, vivida e experimentada nos ambientes digitais.

A Igreja buscou adaptar-se aos novos paradigmas comunicacionais se fazendo presente nas plataformas digitais. Exemplo maior foi a criação, em 2012, da conta oficial do Papa Francisco no Twitter (@pontifex) que, disponível em 9 (nove) idiomas,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Religião do XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduado em Comunicação Social (Jornalismo). Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades da UFES/ES, e-mail: gizuque@hotmail.com

³ Doutora em Educação. Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da UFES/ES, email: n.pirola@uol.com.br

inclusive o português, já supera os 40 milhões de seguidores⁴. Já a conta do Instagram do pontífice (@franciscus) alcançou, desde sua criação em março de 2015, a marca de 5,6 milhões de seguidores⁵.

Entretanto, sua tradição milenar, a coloca diante de um paradoxo: de um lado, sua estrutura verticalizada e hierárquica e, de outro, a proposta de diálogo horizontal e colaborativa que emerge com as redes sociais.

O poder e influência da igreja sempre estiveram ligados ao domínio do espaço. Para Saquet (2015, p. 35-36) “o espaço é reordenado historicamente, envolve empresas, sindicatos, igrejas, partidos políticos, Estado, revelando múltiplos jogos de poder e diferenciação espacial”. Nesse sentido, no espaço físico da Igreja, estão demarcados os limites de suas seções administrativas (paróquias) sobre as quais os devotos se reúnem fisicamente para o ato celebrativo e condição necessária aos sacramentos.

Entretanto, é esse mesmo público que está cada vez mais presente nas redes sociais que, como afirma Sbardelotto (2012):

[...] participa, vive, age e interage em uma ambiência comunicacional religiosa digital, que o remeterá – seja qual for a profundidade dessa experiência religiosa mediada pela técnica, independentemente também de quanto e onde estiver – para Deus (SBARDELOTTO 2012, p. 30).

Castells (2017, p. 111) afirma que a internet, “na enorme variedade de suas aplicações, é o tecido de comunicação de nossas vidas, para o trabalho, para a conexão pessoal, para a formação de redes sociais, [...] e até para a religião”.

É através dessas redes que a Igreja acredita ser capaz de expandir sua presença e atuação, oferecendo o Evangelho a um público cada vez maior, como percebemos neste trecho da mensagem de Bento XVI para o dia mundial das comunicações sociais de 2013:

A capacidade de utilizar as novas linguagens requer-se não tanto para estar em sintonia com os tempos, como sobretudo para permitir que a riqueza infinita do Evangelho encontre formas de expressão que sejam capazes de alcançar a mente e o coração de todos. No ambiente

⁴ Dados da Secretaria de Comunicação do Vaticano, divulgados em outubro de 2017. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/tecnologia/papa-francisco-supera-os-40-milhoes-de-seguidores-no-twitter/>>. Acesso em: 03 de julho de 2018.

⁵ Disponível em www.instagram.com/franciscus/. Acesso em 13 de junho de 2018.

digital, a palavra escrita aparece muitas vezes acompanhada por imagens e sons. Uma comunicação eficaz, como as parábolas de Jesus, necessita do envolvimento da imaginação e da sensibilidade afetiva daqueles que queremos convidar para um encontro com o mistério do amor de Deus (BENTO XVI, 2013).

E a Igreja tem empreendido esforços no sentido de melhor compreender este novo território formado a partir das redes. Spadaro (2012, p. 11) afirma que se os cristãos refletem sobre a rede, não é somente para aprenderem a “usá-la” bem, mas por que foram “chamados a ajudar a humanidade a compreender o significado profundo da própria Rede no projeto de Deus: não como um instrumento a ser usado, mas como um ambiente a ser habitado”.

Como participante da Pastoral da Comunicação⁶ na Arquidiocese de Vitória, durante quase uma década, tivemos a oportunidade de acompanhar de perto as investidas da Igreja Católica de fazer uso do aparato tecnológico disponível a cada momento da história recente, sempre na perspectiva de se aproximar desse público.

O Diretório de Comunicação (DOCUMENTO DA CNBB, 2014, p. 136) documento formulado pela Igreja Católica, incentiva a presença das pessoas nas mídias digitais pois elas “abriram caminhos para o encontro e o diálogo entre as pessoas de diferentes países, culturas e religiões” [...] por ser um lugar de testemunho e anúncio do Evangelho”. E complementa, a partir de uma citação do Papa Francisco na Mensagem do 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais (FRANCISCO, 2014), de 2014, que “a internet pode oferecer maiores possibilidades de encontro e de solidariedade entre todos; e isto é uma coisa boa, é um dom de Deus”.

É, portanto, o estudo deste “novo lugar” onde se insere a vida - “composto por narrativas e trocas comunicacionais instauradas de comunidades de sentido, [...] conforme territórios e territorialidades simbólicas, mas nem por isso, menos concretas e articuladas” (PONTIFÍCIO, 2006, p. 6) - que objetivamos aprofundar nossos estudos, com foco nos efeitos de sentido e valores colocados em circulação nas postagens feitas pelo público/fiéis durante as transmissões de missas através do *Facebook*, a partir de um recorte de 23 (vinte e três) mensagens postadas durante a transmissão de uma celebração que acontece todo domingo, na igreja matriz da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em Vila Velha (ES).

⁶ Grupo de pessoas que tem por objetivo animar, articular e zelar pela comunicação na Igreja de Vitória, tendo presente a cultura e as linguagens geradas pela revolução das novas tecnologias.

Um novo ambiente, novas territorialidades

As redes digitais de comunicação estão inseridas na vida cotidiana. Não ficariam as religiões fora desta nova ambiência. As transmissões de celebrações ao vivo, através do *Facebook*, abrem novas perspectivas no desenvolvimento das relações humanas. Cria-se um novo ambiente de interação e de trocas discursivas, um novo território comunicacional no qual as territorialidades são constituídas.

Para discutirmos territorialidades, faz-se necessária a compreensão do conceito de território. Para Saquet (2015, p. 56) “o território é fundado em comportamentos humanos que envolvem a comunicação, a cooperação e a troca, todas formas de socialização em dada formação territorial”.

Para Haesbaert (2006, p. 40) é possível atribuir três vertentes básicas à noção de território: política, cultural e econômica. Nos interessa, por agora, a dimensão cultural ou simbólico-cultural. De compreensão mais subjetiva, para ela, o território é visto, “sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido”. Santos (2010, p. 96) entende o território como sendo “o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence”.

Fica clara, assim, a estreita relação entre o sujeito e o espaço no qual ele habita. O território é, portanto, resultado dessa vivência experimentada num determinado espaço. Podemos então falar em territorialidades.

Para Martinuzzo (2016, p. 16) territorialidade é a “a organização da vida concernente ao território, em qualquer suporte/ambiente/paisagens aos quais façam menções (físico-material, informacional, midiático, etc e suas recursividades)”.

O autor afirma que a territorialidade tem a comunicação como ponto central de sua ocorrência:

[...] não há vida, ou território, que se institua sem as mediações dos processos comunicacionais, seja para estabelecer as hegemonias fundantes de uma comunidade (poder) – um bairro, uma associação, uma cidade, um Estado, um país, um continente, um planeta –, seja para tecer o dia a dia das relações humanas e suas idiossincrasias cotidianas (práticas) (MARTINUZZO, 2016, p. 11).

Para o autor, a comunicação, além de ser a responsável por produzir os territórios e articular as territorialidades, “se torna o suporte destes, a paisagem, o espaço onde eles se produzem” (MARTINUZZO, 2016, p. 12). Com o desenvolvimento tecnológico e a inserção de todo aparato comunicacional inserido no dia a dia, o que Martinuzzo (2016, p. 12) classifica como “experiência midiaticizada da vida, fundada na sociabilidade conectada e mobilizada por fluxos comunicacionais” chegamos aos infoterritórios:

[...] uma extensão simbólico-cognitiva constituída comunicacionalmente nos limites das interfaces midiaticizadas viabilizadas por intermédio das redes de mídia *on* e *off-line* e conteúdos informacionais por elas e/ou nelas produzidos, distribuídos e compartilhados (MARTINUZZO, 2016, p. 12).

Nesse sentido, é possível entendermos as plataformas digitais como territórios possíveis para construção das territorialidades, uma vez que criam locais de vivência e de interação social. São, portanto, conclui Martinuzzo (2016, p. 15), os “territórios midiaticizados” e sobre os quais estaremos desenvolvendo nossa pesquisa com foco nas transmissões realizadas através do *Facebook*.

Um olhar semiótico sobre os comentários das *lives* do *Facebook*

As celebrações realizadas pela Igreja Católica e agora também transmitidas ao vivo no *Facebook*, inauguram uma nova possibilidade de prática da fé e contato com o Sagrado. No espaço dedicado aos comentários das transmissões, chamadas de “*lives*”, os usuários da rede comentam, compartilham e curtem o conteúdo produzido por eles próprios. Verbalizam angústias, aflições, inquietações e desejos, numa espécie de confessionário público. O conteúdo dessas postagens é o *corpus* da nossa pesquisa. Para isso acompanhamos a transmissão de uma celebração⁷, que acontece todos os domingos, às 19h30min na igreja matriz da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em Vila Velha (ES), através da página pessoal⁸ do padre Anderson Gomes⁹.

⁷ Para este estudo, foi selecionada a transmissão acontecida no dia 10 de dezembro de 2017.

⁸ Página disponível em www.facebook.com/peandersongomes. Link extraído em 14 de dezembro de 2017.

Para a análise dos valores colocados em circulação nos comentários postados nas transmissões de missas através do *Facebook*, recorreremos à semiótica discursiva como método para depreender a construção do sentido dos elementos dispostos.

Barros (2011, p. 7) esclarece que a semiótica “tem por objeto o texto, ou melhor, procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz”. Para isso, através do método do percurso gerativo de sentido, examina a organização textual e, ao mesmo tempo, os mecanismos enunciativos de produção daquele conteúdo.

Floch (2001) entende o percurso gerativo como a representação dinâmica da produção de sentido das linguagens mais diversas. “É a disposição ordenada das etapas sucessivas pelas quais passa a significação para se enriquecer e, de simples e abstrata, tornar-se complexa e concreta” (FLOCH, 2001, p. 15).

O percurso gerativo de sentido se volta para o plano de conteúdo, envolvendo três níveis:

[...] a primeira etapa do percurso, a mais simples e abstrata, recebe o nome de nível fundamental ou das estruturas fundamentais e nele surge a significação como uma oposição semântica mínima; no segundo patamar, denominado nível narrativo ou das estruturas narrativas, organiza-se a narrativa, do ponto de vista de um sujeito; o terceiro nível é o do discurso ou das estruturas discursivas em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação (BARROS, 2011, p. 9).

É importante entendermos, no nível narrativo, a relação do sujeito com o objeto. O segundo torna-se valor para o primeiro, intitulado objeto-valor. A falta de um objeto-valor nos leva a um estado de disjunção. A partir daí, segundo Oliveira (2017, p. 4), o sujeito precisa “empreender percursos narrativos e ser modalizado pelo(s) destinador(es), sujeitos que têm o poder de agir sobre eles, a fim de levá-los às ações de aquisição de competências para alcançar a obtenção do valor”, momento de conjunção do sujeito com o objeto-valor.

A autora entende as sequências narrativas de conjunção como o “desfecho do sujeito que empreendeu ações para ser competencializado e realizar a performance, ao passar ao estado de conjunção ele desfruta do valor da conquista, do sentir-se competente” (OLIVEIRA 2017, p. 4).

⁹ Padre Anderson Gomes da Silva, nasceu em 26/02/1975. Foi ordenado padre em 29/01/2005 na Catedral Metropolitana de Vitória. É graduado em Administração de Empresas, pós-graduado em Comunicação Social e Mestre em Teologia Patrística e História da Teologia.

Acerca do nível discursivo, Floch (2001, p. 15) nos esclarece que “são as etapas pelas quais passa a significação, a partir do momento em que um sujeito, denominado ‘enunciador’ seleciona e ordena as virtualidades oferecidas pelo sistema”.

Sendo a proposta de nosso estudo as postagens feitas pelo público durante as transmissões, “o que o texto diz” e “como o diz”, ou seja, a organização textual, é no plano de conteúdo, através do percurso gerativo do sentido, em seus níveis narrativos e discursivos, que buscaremos seguir com nossa análise.

O contato inicial com o *corpus* de nossa pesquisa nos causou grande impacto por conta da intensidade das postagens e velocidade com a qual o público que acompanhava a transmissão interagia¹⁰.

A transmissão¹¹ foi iniciada 16 minutos antes do começo da celebração. Neste período, enquanto aconteciam ajustes nos equipamentos de transmissão e a imagem alternava entre o grupo de pessoas que fazia o ensaio dos cantos para a celebração e o público presente na Igreja, foram feitos 100 comentários na página.

Certamente o que contribuiu para o volume de acessos e o acompanhamento do público foi o aviso enviado a todos seguidores da página informando o início da transmissão. Identificamos aí um mecanismo de dupla programação¹² do sujeito, feita por ele mesmo, na busca do seu objeto-valor. O primeiro pelo *Facebook* que, a partir de uma escolha do usuário, autoriza que a rede social lhe envie uma notificação, informando-o do começo da transmissão. O segundo por parte do próprio destinatário, que se programa para acompanhar aquela transmissão.

Impulsionado pela atmosfera de oração na qual está inserido, o público - seguindo a própria dinâmica da plataforma - deixa registrado nos comentários, e automaticamente compartilhado com os demais seguidores que acompanham a transmissão, pedidos, desejos e agradecimentos de toda ordem.

¹⁰ A transmissão em análise, acontecida no dia 10 de dezembro de 2017 alcançou 6,2 mil visualizações, 551 comentários e 136 compartilhamentos até a data da coleta dos dados. A opção de visualização foi através do filtro “mais recente”. Informações extraídas em 14 de dezembro de 2017.

¹¹ Transmissão disponível em <https://www.facebook.com/peandersongomes/videos/vb.248628658606845/1145120815624287/?type=2&theater>. Link extraído em 14 de dezembro de 2017

¹² A programação, conforme postula Eric Landowski (2016), é um dos quatro regimes de interação entre sujeitos e mundo. Embora os regimes de interação e de sentido não serem o foco deste artigo, entendemos ser importante a citação do mesmo neste momento, pois é através deste regime – a programação - que o sujeito é apresentado ao objeto do nosso estudo.

A partir de pesquisa exploratória de todos os comentários postados nos 10 (dez) primeiros minutos de transmissão, depreendemos a construção do sentido dos *posts* que têm apenas a temática dos pedidos de oração/bênção. Nossa análise contemplará, portanto, um universo de 23 (vinte e três) comentários, apresentados na Tabela 1. Por questões de privacidade, omitimos a autoria das postagens, identificando-as numericamente. Em relação ao conteúdo, suprimimos os sobrenomes citados pelos autores das postagens. Não fizemos qualquer acerto gramatical ou de acentuação nos comentários.

Tabela 1 – Seleção de postagens.

Postagem 01 - A bênção Padre Anderson! 10 de dezembro às 19:16
Postagem 02 - Bênção para todos nós 10 de dezembro às 19:17
Postagem 03 - Bênção para todos nós !! 10 de dezembro às 19:19
Postagem 04 - Boa noite! A sua bênção Padre! 10 de dezembro às 19:19
Postagem 05 - Padre suas bênçãos para mim minhas netas é filhas amém 10 de dezembro às 19:20
Postagem 06 - Que Deus nos abençoe! ! 10 de dezembro às 19:20
Postagem 07 - Deus abençoe você e todos nós 10 de dezembro às 19:20
Postagem 08 - Pela minha neta Lícia 10 de dezembro às 19:21
Postagem 09 - Pela minha família e amigos 🙏🙏 10 de dezembro às 19:21
Postagem 10 - Por nossas vidas e por nossas Famílias! 10 de dezembro às 19:22
Postagem 11 - Pela minha família principalmente meus filhos 10 de dezembro às 19:22
Postagem 12 - Peço orações pela minha família 10 de dezembro às 19:22
Postagem 13 -Pela minha saúde, Senhor Jesus Cristo. Amém 10 de dezembro às 19:22
Postagem 14 - Por toda minha família saúde e paz 10 de dezembro às 19:22
Postagem 15 - 6:42 Padre abençoe todos da minha família que passam por momentos difíceis! 10 de dezembro às 19:22
Postagem 16 - Pelos funcionários públicos do Estado do Rio de janeiro Misericórdia 🙏🙏 10 de dezembro às 19:22
Postagem 17 - Peço pela saúde de minha grande amiga Claudia, pela sua recuperação, e também pela saúde de todos os meus familiares e amigos! Que Deus nos abençoe cada vez mais! 10 de dezembro às 19:23

Postagem 18 - A sua benção padre 10 de dezembro às 19:23
Postagem 19 - Por todos os doentes Senhor! Amanda, Jorge, Amanda, Cristina Meireles, Sr. Rubens e sua Esposa, Carlos, Lucineia, Gilberto. 10 de dezembro às 19:24
Postagem 20 - Sua benção Padre Anderson 10 de dezembro às 19:24
Postagem 21 - Pelas famílias C(omitido) /L (omitido)/C(omitido) 🙏🙏🙏🙏 10 de dezembro às 19:25
Postagem 22 - Pela saude de meus Pais: Rafael e Cledes! 10 de dezembro às 19:25
Postagem 23 -Pela minha família!! Tuas bênçãos Senhor!!!! 10 de dezembro às 19:25

Fonte: Produção do autor

Para facilitar a análise, dividimos nossa amostra em dois grupos a partir do conteúdo das postagens: no primeiro (G1), estão os comentários de 01 a 12 e de números 16, 18, 20, 21 e 23, num total de 17 postagens. No segundo grupo (G2) estão os comentários 13, 14, 15, 17, 19 e 22 (total de 6 postagens).

Vamos iniciar nossa análise no patamar das estruturas narrativas. Do ponto de vista do sujeito, temos dois estados situacionais.

No G1, o estado inicial é o de privação, no qual o sujeito (o público que acompanha a transmissão) está em busca de um objeto-valor (a oração ou benção). No G2, o estado de privação é mantido. Entretanto, há uma mudança do objeto-valor que passa a ser o que se deseja para si/outro. O estado final, tanto para G1 quanto para G2, acontece quando o sujeito se vê possuidor do objeto-valor (a oração ou benção).

Para que a mudança aconteça, é preciso que aconteça uma transformação, um /fazer/ operador da mudança de estado.

Para o primeiro grupo de mensagens (G1), temos uma situação inicial, em que o sujeito (o público que acompanha a transmissão) está em estado de disjunção do seu objeto-valor (a oração ou benção). Em seguida, ocorre a intervenção de um sujeito do fazer, ou objeto modal (o ato de conceder a oração/benção), responsável pela transformação que coloca o sujeito (o público que acompanha a transmissão) em estado de conjunção com o objeto-valor (a oração ou benção), ao obtê-la.

Já no segundo grupo de mensagens (G2), temos uma situação inicial, em que o mesmo sujeito está em disjunção do objeto-valor (o que deseja para si/outro). Em seguida, ocorre a intervenção de um sujeito do fazer, ou objeto modal (a oração/benção), responsável pela transformação que coloca o sujeito (o público que

acompanha a transmissão) em conjunção com o objeto-valor (o que deseja para si/outro).

Curioso observar a mudança da função narrativa do objeto oração/bênção. Enquanto no primeiro grupo de mensagens, trata-se de objeto-valor almejado pelo público que acompanha a transmissão, no segundo torna-se o objeto modal deste mesmo público.

A passagem do estado de disjunção para conjunção se dá a partir do momento que o celebrante, durante o rito religioso, verbaliza a inclusão de todos aqueles pedidos de oração ou bênçãos, e estas são concedidas (tanto aos que estão fisicamente na Igreja quanto aos que acompanham a transmissão pela rede social).

Alargando nossa análise, se pensarmos na pressuposição lógico-narrativa, o sujeito do fazer não poderá realizar uma performance se não reunir competência para tal. Para Oliveira (2017), em termos narrativos, a fase da competência é resumida pelos verbos modalizadores /saber/ e /poder/, que permitem que o /fazer/ aconteça.

Neste momento, narrativamente, não temos a garantia da performance, pois há a possibilidade do /não-fazer/ ou do /não-querer/. É através da manipulação que o sujeito do fazer se vê instado a /querer-fazer/ e /dever-fazer/. Tanto em G1 quanto em G2, este papel compete ao sacerdote ou padre. A ele são direcionados os pedidos de oração/bênção motivados por diversas razões, observadas no nível discursivo dos comentários, para que a performance aconteça: pela saúde [13]¹³, pela família [9,10,11,12,14,15, 17 e 21], pela paz [14], pelos doentes [19], etc. Sendo ainda a oração/bênção algo programado/normatizado das atribuições sacerdotais, o /fazer/, acontece.

Até então tratamos da organização da narrativa a partir da análise das estruturas textuais, no plano de conteúdo, tendo como referência o ponto de vista de um sujeito que empreende esforços em busca de um objeto-valor e, para isso, faz o uso de diversas estratégias, sobretudo ligadas à manipulação. Em um segundo patamar de análise, ainda como parte do percurso gerativo de sentido, passamos para o nível discursivo.

Para a análise do nível discursivo, segundo Barros (2011, p. 11) “as estruturas narrativas devem ser examinadas do ponto de vista das relações instauradas entre a instância da enunciação, responsável pela comunicação do discurso, e o texto-enunciado”. Fiorin (2016) esclarece que também está em questão como o texto enuncia

¹³ Os números indicados entre colchetes correspondem às postagens apresentadas na Tabela 1.

peçoas, tempos e espaços e como os elementos narrativos são concretizados, seja com temas ou ainda mais, revestindo-os com figuras.

Percebemos nos diferentes modos de enunciação as possibilidades de efeitos produzidos. O discurso em primeira pessoa provoca um efeito de proximidade entre o enunciador e enunciatário; ganha caráter passional e subjetivo: sua bênção para mim [5], pela minha neta [8], pela minha família [9], pela minha saúde [13]. Estamos diante de um processo de debreagem enunciativa de ordem actancial, ou seja, “refere-se à projeção, no enunciado, dos actantes da enunciação *eu* (que fala) e *tu* (para quem se fala)” (GUERRA JUNIOR, 2011, p.100) figurativizadas ou tematizadas, já em nível semântico, convertendo-se em ator do discurso. Esta subjetividade do enunciado é reforçada no momento em que os enunciadores são identificados a partir do nome contido no seu perfil, visível a todos que acompanham a transmissão.

Fica claro ainda uma debreagem ligada à disposição das coordenadas temporais no enunciado. O tempo de referência do texto é o presente da própria narração, o “agora”, que liga o narrador aos eventos narrados (GUERRA JUNIOR, 2011; FIORIN, 1995). Todos os pedidos de oração/bênção adicionados de maneira sequencial na postagem são necessidades apresentadas pelos enunciadores para este momento, para que sejam efetivados no rito que está prestes a começar, como se cada um daqueles pudesse ser colocado diante do sacerdote, vistos e passíveis de receberem a oração/bênção de maneira individualizada. Do mesmo modo, a debreagem espacial cria o efeito de proximidade empregando o “aqui” como lugar referencial para a história. O pedido pela bênção/oração é consequência da transmissão ao vivo do rito, num “aqui” estabelecido territorialmente entre todos que compartilham daquele momento.

Passemos agora às marcas do que classificamos de debreagem enunciativa, construída “com o *ele*, o *alhures* e o *então*, o que significa que, nesse caso, ocultam-se os actantes, os espaços e os tempos de enunciação” (FIORIN, 2016, p. 59) gerando com isso sensações de distanciamento e imparcialidade. As de ordem actancial, na qual o narrador fala de outrem, e não se mostra tão envolvido nos fatos narrados, como por exemplo: pelos funcionários públicos do Estado do Rio de Janeiro [16] e Pelas famílias *C(omitido)/L(omitido)/C(omitido)* [21]. Não há, portanto, a relação direta do enunciador com o enunciado. Na instância espacial, temos a debreagem enunciativa a partir de um “espaço não ordenado em relação ao aqui, portanto o alhures, onde se produz o

enunciado” (GUERRA JUNIOR, 2011, p. 100). No caso já citado, o pedido de oração pelos funcionários públicos (lá) do Estado do Rio de Janeiro [16].

Passamos, em seguida, no propósito de nos ajudar na continuidade da apreensão dos efeitos de sentido, à abordagem das isotopias presentes nas postagens. Segundo Barros (2002, p. 124), “a noção de isotopia conserva a ideia de recorrência de elementos linguísticos, redundância que assegura a linha sintagmática do discurso e responde por sua coerência semântica”. Segundo essa autora, há dois tipos de isotopias: a temática e a figurativa.

Nos comentários apresentados, desenvolvem-se a repetição de alguns percursos temáticos: tema da religiosidade [01 a 13, 18, 20], da crise econômica [16] e das dificuldades das relações humanas e da vida terrena [15, 17, 19, 21, 22, 23]. Os temas foram manifestados, de maneira geral, nas expressões oração [12], benção [01, 02, 03, 04, 05, 18, 20], amém [05], misericórdia [16], saúde [13, 14, 17, 22], recuperação [17], doentes [19], paz [14], família [09, 10, 11, 12, 14, 15, 21, 23] e amigos [09, 17].

Por fim, observamos que grande parte das isotopias geradas advém dos contratos fiduciários:

[...] contratos estabelecidos no discurso entre enunciatador e enunciatário que o semiótico estuda os seus arranjos como contrato de verossimilhança, contrato de veridicção, os quais o enunciatário pode ou não aceitar (OLIVEIRA, 2017, p. 9).

É prática do rito a oração/benção. A partir de contratos pré-existentes, a sua renovação é estimulada na perspectiva da concretização, o que é confirmado, com a concessão da oração/benção.

Nas postagens, predominam os pedidos com cargas semânticas eufóricas: benção pra todos nós [3], Deus abençoe você [7] e pela minha saúde [13]. Percebemos que essa sobreposição acontece através de um processo de contaminação, no qual ao identificar uma postagem com carga semântica eufórica, o enunciatário seguinte se vê estimulado a fazer sua postagem da mesma forma, implicando na formação das isotopias, enunciados de mesma carga semântica. Já os valores disfóricos são flagrados em: passam por momentos difíceis [15] e pela sua recuperação [17].

Considerações finais

Nosso estudo realizou alguns apontamentos acerca da presença da Igreja Católica no ambiente digital e, através da análise dos comentários postados durante as transmissões de missas no *Facebook*, os efeitos de sentido e valores colocados em circulação.

Para desenvolver nossos estudos, antes foi importante entender os conceitos de território e territorialidade e, através de documentos e material produzido pela própria Igreja Católica, compreender sua percepção sobre esta nova ambiência.

Com a semiótica discursiva, depreendemos a construção dos efeitos de sentido e valores colocados em circulação nos comentários postados nas transmissões, através do método do percurso gerativo de sentido, focando nosso olhar nos níveis narrativo e discursivo. Para tal, nessa fase da pesquisa, foram capturados, nos 10 (dez) primeiros minutos de transmissão, 23 (vinte e três) postagens que tinham a temática dos pedidos de oração/bênção.

Conforme vimos na análise, dois grandes grupos foram formados: os que têm a oração ou bênção como um objeto-valor (o que se deseja) e os que a veem como objeto modal para o que se deseja para si/outro. Também chama a atenção o fato de que ambos os grupos possuem um mesmo estado inicial de privação (a ausência da bênção/oração) e necessitam de um /fazer/ operador da mudança de estado, - personificado no celebrante que, durante o rito religioso, verbaliza a inclusão de todos aqueles pedidos de oração ou bênções - para que aconteça uma transformação.

Da análise dos comentários, depreendemos ainda que alguns deles deixam claras as marcas de distanciamento e aproximação entre o enunciador e enunciatário, além de delimitarem tempo e espaço no qual estão inseridos.

Observamos que o nosso *corpus* é dinâmico, pois aparece e se configura diante dos nossos olhos à medida que os comentários vão sendo feitos, muitos deles desencadeados por conta da recorrência de elementos linguísticos ligados a temas e figuras comuns. Assim, a amostra vai ganhando volume e consistência e o objeto, relevância.

Após percorrer esse caminho, ainda breve, parte de uma pesquisa mais abrangente que estamos produzindo, já podemos afirmar que muitas das práticas

comunicacionais e interacionais de experiências da fé desenvolvidas no contexto interpessoal já são experimentadas também nas redes digitais.

Assim, o presente estudo não termina aqui. A continuidade da análise do nosso *corpus*, com novas amostras coletadas e o próprio desenvolvimento da ferramenta *Facebook live*, bem como das redes sociais digitais, trazem a possibilidade de distintas e potentes abordagens do nosso objeto e novos desdobramentos de estudo, e apontam para a necessidade de observação mais ampla dos regimes de interação e de sentido construídos nessas interações.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Editora Ática, 2011.

BENTO XVI, Papa. **Redes Sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização**. 2013. Disponível em: < goo.gl/VxwDXB >. Acesso em: 13 jun. 2018.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

DOCUMENTO DA CNBB – 99 – **Diretório da Comunicação da Igreja no Brasil**. Brasília: Edições CNBB, 2014, p. 136.

FIORIN, José Luiz. **A pessoa desdobrada**. Alfa, São Paulo, N. 39, 1995. (semestral).

_____. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2016.

FRANCISCO, P. 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais, Vaticano, v.1, n.1, jan.2014. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 06 de agosto de 2017.

GUERRA JUNIOR. A construção da cena enunciativa: um exame da debragem na publicidade. In: **Estudos Semióticos**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 97-105, jun. 2011. <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/35267>

HAESBAERT, Rogério. “Definindo território para entender a desterritorialização”. In: HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização, do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2006.

LANDOWSKI, Eric. Sociossemiótica: uma teoria geral do sentido. In: Oliveira, Ana Cláudia. **Sentido e Interação nas práticas**: comunicação, consumo, educação e urbanidade. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016, p. 467-481.

MARTINUZZO, José Antonio. **Prólogo - Territorialidade: o que é isso?**. In: MARTINUZZO, José Antonio; TESSAROLO, Marcela (orgs.). **Comunicação e territorialidades**: as pesquisas inaugurais do primeiro Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Espírito Santo. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Comunicação Social, 2016.

OLIVEIRA, Ana Claudia de. A teoria semiótica nos estudos da comunicação, consumo e marketing. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia de; MARTYNIUK, Valdenise Leziér. **Sentidos do Consumo: os desafios do cenário contemporâneo à luz da semiótica de Greimas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

PONTIFÍCIO Conselho para as Comunicações Sociais. **Igreja e internet**. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SBARDELOTTO, Moises. **E o Verbo se fez Bit**: A comunicação e a experiência religiosas na internet. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2012.

SAQUET, Marco Aurélio. **Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades**: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial. 2 ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

SPADARO, A. **Cyberteologia**: pensare il cristianesimo al tempo della rete. Milano: V&P, 2012.